Revista Brasileira de Enfermagem
REBEn

Fatores associados ao sexo sem uso de preservativos por pessoas consumidoras de mídias sexualmente explícitas

Factors associated with unprotected sex in people who consume sexually explicit media

Factores relacionados al sexo sin uso de condones por personas consumidores de medios sexualmente explícitos

Telma Maria Evangelista de Araújo[I]
ORCID: 0000-0001-5628-9577

Priscilla Dantas Almeida[I]
ORCID: 0000-0002-6574-6335

André Felipe de Castro Pereira Chaves[I]
ORCID: 0000-0002-5965-0011

Ellen Cristina da Costa Leite Sousa[I]
ORCID: 0000-0003-2561-065X

Rômulo Veloso Nunes[I]
ORCID: 0000-0001-7144-474X

Álvaro Francisco Lopes de Sousa[II]
ORCID: 0000-0003-2710-2122

Inês Fronteira[II]
ORCID: 0000-0003-1406-4585

[I] *Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.*
[II] *Universidade NOVA de Lisboa. Lisboa, Portugal.*

Como citar este artigo:
Araújo TME, Almeida PD, Chaves AFCP, Sousa ECCL, Nunes RV, Sousa AFL, et al. Factors associated with unprotected sex in people who consume sexually explicit media. Rev Bras Enferm. 2021;74(6):e20210061. https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0061

Autor Correspondente:
Priscilla Dantas Almeida
E-mail: priscilladant@hotmail.com

EDITOR CHEFE: Antonio José de Almeida Filho
EDITOR ASSOCIADO: Hugo Fernandes

Submissão: 05-03-2021 **Aprovação:** 07-04-2021

RESUMO

Objetivo: Analisar os fatores associados ao sexo sem uso de preservativos em consumidores de mídias sexualmente explícitas (MSEs). **Métodos:** Estudo transversal, com amostra de 172 participantes selecionados e coletados na ambiência virtual de mídias sociais. Para avaliar os fatores preditores da prática sexual sem uso do preservativo, utilizou-se o modelo de regressão de Poisson. Os valores foram expressos na forma de razão de prevalência (RP) robusta com seus respectivos intervalos de confiança. **Resultados**: Verificou-se associação estatisticamente significante do uso de preservativos com o tipo de cenas que prefere (p = 0,03), preferência por filmes com cenas envolvendo sexo sem proteção ou mesmo aqueles que não se importam quanto a esse cuidado (p = 0,02), tipo de pornografia que assiste influenciando nas suas relações sexuais (p = 0,017) e número de cenas vistas por semana (p = 0,05). **Conclusões:** O não uso do preservativo foi associado ao acesso às cenas eróticas.
Descritores: Sexo; Preservativos; Pessoas; Mídia Audiovisual; Comportamento Sexual.

ABSTRACT

Objective: To analyze the factors associated with sex without the use of condoms in consumers of sexually explicit media (SEM). **Methods:** Cross-sectional study, with a sample of 172 participants selected and collected through social media. To assess the predictors of unprotected sexual practices, the Poisson regression model was used. Values were expressed as a robust prevalence ratio (PR) with their respective confidence intervals. **Results:** There was a statistically significant association between, the use of condoms and the type of scenes that the participants prefer (p = 0.03), the preference for films with scenes involving unprotected sex or even those that do not care about protection (p = 0.02), the type of pornography watched influencing sexual relations (p = 0.017), and the number of scenes seen per week (p = 0.05). **Conclusions** The lack of condom use was associated with the access to erotic scenes.
Descriptors: Sex; Condoms; People; Video-Audio Media; Sexual Behavior.

RESUMEN

Objetivo: Analizar factores relacionados al sexo sin uso de preservativos en consumidores de medios sexualmente explícitos (MSEs). **Métodos:** Estudio transversal, con muestra de 172 participantes seleccionados y recogidos en ambiente virtual de medios sociales. Para evaluar los factores predictores de la práctica sexual sin uso del preservativo, utilizó el modelo de regresión de Poisson. Valores fueron expresos en medida de razón de prevalencia (RP) robusta con sus respectivos intervalos de confianza. **Resultados**: Verificó relación estadísticamente significante del uso de preservativos con el tipo de escenas que prefiere (p = 0,03), preferencia por películas con escenas envolviendo sexo sin protección o mismo aquellos que no se importan cuanto a ese cuidado (p = 0,02), tipo de pornografía que ve influenciando en sus relaciones sexuales (p = 0,017) y número de escenas vistas por semana (p = 0,05).
Conclusiones: El no uso del preservativo fue relacionado al acceso a las escenas eróticas.
Descriptores: Sexo; Condones; Personas; Medios Audiovisuales; Conducta Sexual.

CC BY

INTRODUÇÃO

Um componente novo tem trazido preocupação aos estudiosos no que diz respeito à expansão das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), sobretudo do HIV/aids (*acquired immuno deficiency syndrome*; em português, síndrome da imunodeficiência adquirida), que são as mídias sexualmente explícitas (MSEs), as quais compreendem qualquer tipo de material com descrição de órgãos genitais ou atos sexuais explícitos de qualquer natureza, capazes de estimular ou modificar sentimentos ou pensamentos sexuais do espectador[1].

Atualmente, o acesso e a divulgação de materiais sexualmente explícitos nos meios de comunicação virtual ampliaram-se, sobretudo entre homens, e cada vez se torna mais fácil devido ao avanço da tecnologia[2].

Um relatório do site PornHub, uma das plataformas de maior visibilidade do ramo de conteúdos eróticos, contabilizou 81 milhões de visitantes por dia, com 28,5 milhões de visitantes brasileiros, referentes ao ano de 2017. O país ficou no décimo lugar entre os países que mais acessaram o PornHub, sendo considerado uma nação que possui importante taxa de consumo desses materiais[3].

Com a pandemia ocasionada pela COVID-19, o uso de sites com conteúdo sexuais explícitos sofreu um aumento de 600%, comparado com o mesmo período no ano passado. Esse levantamento evidenciou que 64% dos trabalhadores começaram a atuar remotamente; e, com isso, ocorreu uma mudança no comportamento do usuário[4].

Pesquisa realizada na Europa apontou efeitos negativos percebidos com o uso de pornografia, estando, este, associado a comportamento sexual agressivo[5]. Ademais, outro estudo, realizado entre homens que mantêm parcerias sexuais com outros homens, revelou a associação positiva entre o uso excessivo de pornografia e a violência contra o parceiro íntimo[6].

Ainda, um estudo norte-americano concluiu que o consumo de MSEs pode apresentar aspectos positivos, como compreender desejos, aprender sobre identidade sexual, estímulo ao sexo seguro para a população jovem, mas, também, aspectos negativos, como a naturalização do sexo vaginal e anal sem preservativos e consequente aumento do risco de ISTs. Essa diferença pode ser associada a recentes mudanças nas MSEs relacionadas ao não uso de preservativos nas cenas, sobretudo entre homens que fazem sexo com homens, observando-se, então, a influência negativa dessas mídias[7].

A prática sexual segura com uso de preservativo deve ser estimulada, inclusive com parceiros fixos, para a preservação da saúde sexual[8]. Logo, entre os profissionais da enfermagem, as práticas de educação em saúde integram as suas competências, o que inclui, portanto, as ações que enfatizam a redução da vulnerabilidade da população às ISTs, com abordagem sobre o acesso às mídias sexuais.

Embora, a literatura sobre temas que tratam das práticas sexuais e da exposição ao HIV/aids e demais ISTs seja farta, aquelas que abordam as mídias digitais e sexualidade ainda são reduzidas no Brasil, a despeito de ser expressivo no país o consumo de MSEs.

OBJETIVO

Analisar a influência do consumo de MSEs no uso de preservativos.

MÉTODOS

Aspectos éticos

O trabalho seguiu as recomendações contidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí.

Desenho, local de estudo e período

Estudo transversal, inserido em um macroprojeto intitulado "Influência do consumo de mídias sexuais explícitas nas práticas de risco ao HIV/AIDS: *survey* on-line no território nacional". Para maior conformidade e transparência da pesquisa em saúde, utilizou-se o instrumento do EQUATOR, o *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) *cross-sectional studies*. A coleta ocorreu de forma on-line, durante o período de março a setembro de 2020[9].

População e amostra: critérios de inclusão e exclusão

A amostra foi obtida por meio de questionários on-line com 172 participantes de ambos os sexos, selecionados em mídias sociais digitais. Adotou-se como critério de inclusão: ter idade igual ou superior a 18 anos, residir no estado do Piauí e fazer uso de pelo menos uma das redes sociais digitais Facebook®, Instagram® ou WhatsApp®.

Protocolo do estudo

A coleta de dados ocorreu por meio das redes sociais Facebook®, Instagram® e WhatsApp®, nas quais foram detalhados os aspectos da pesquisa e postado o convite para participação no estudo. O participante teve acesso a um link que o direcionou para o questionário do estudo, hospedado no Google Forms. Foram incluídos aqueles que atenderam aos critérios de inclusão, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido on-line e preencheram todos os itens do questionário.

O instrumento da pesquisa foi adaptado do estudo de Queiroz et al.[10] e, ao fim das perguntas, conta com links informativos sobre a temática da pesquisa. Foram estudadas variáveis sociodemográficas, estado vacinal para hepatite B, status sorológico para o HIV, diagnóstico de ISTs, uso de preservativos nas relações sexuais, orientação sexual e consumo de MSEs. A variável-desfecho foi "uso de preservativos: sim/não". Sobre o consumo de MSEs, perguntou-se aos participantes: se preferem filmes envolvendo cenas com uso ou não de preservativos; se concordam com o compartilhamento de cenas que apresentam comportamentos de risco (sexo sem uso de preservativos); quantas cenas costumam ver por semana (considerando que uma cena contenha, em média, 20 minutos); a principal forma de acesso à pornografia; se, na sua percepção, o consumo de pornografia altera suas práticas sexuais; se há mudança no seu conceito de sexo após o seu acesso às mídias sexuais; e se as mídias sexuais estimulam o sexo sem preservativos.

Análise dos resultados e estatística

Foram realizadas análises univariadas por meio de estatísticas descritivas com a distribuição de frequências e de

medidas-resumo. Para avaliar os fatores preditores da prática sexual sem uso de preservativos, foi utilizado o modelo de regressão de Poisson, com o estimador robusto para a matriz de covariâncias. Os modelos foram ajustados para cada variável independente, e aquelas com valor de *p* menor que 0,20 ou que classicamente são associadas ao evento-desfecho foram inseridas no modelo multivariado. Considerou-se diferença estatisticamente significante quando o valor de *p* foi menor que 0,05. Os valores foram expressos na forma de razão de prevalência (RP) robusta, intervalos de confiança (IC 95%) e significância do teste de Wald (valor de *p*).

RESULTADOS

Foram avaliados 172 participantes, dos quais pouco mais da metade (51,2%) consumia MSEs. Houve predomínio do sexo feminino (54,1%), idade média de 25,7 anos, renda média equivalente a R$2.394,4, ensino superior (48,3%), heterossexual (37,2%). Quanto aos aspectos clínicos, a maioria relatou não ter infecção sexualmente transmissível (IST) (90,7%). Além disso, 0,6% se declarou reagente para o HIV, e 39,5% desconhecem seu status sorológico. Com relação à vacinação para hepatite B, 18,6% responderam que não sabem ou não são vacinados (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas e clínicas dos participantes do estudo, Teresina, Piauí, Brasil, 2020 (N = 172)

Variáveis	n	%	X̄	DP
Sexo				
Feminino	93	54,1		
Masculino	79	45,9		
Faixa etária (anos)			25,7	6,3
18 a 30	147	85,5		
31 a 42	22	12,8		
43 a 59	03	1,7		
Renda (reais)			2.394,4	4.285,0
Pratica alguma religião				
Sim	115	66,9		
Não	57	33,1		
Escolaridade				
Pós-graduação	42	24,4		
Ensino médio	47	27,3		
Ensino superior	83	48,3		
Orientação sexual				
Bissexual	19	11,0		
Heterossexual	64	37,2		
Homossexual	43	25,0		
Pansexual	02	1,2		
Teve diagnóstico de IST				
Sim	16	9,3		
Não	62	90,7		
Status sorológico				
Reagente para HIV	1	0,6		
Não reagente para HIV	103	59,9		
Não sei	68	39,5		
É vacinado para hepatite B	140	81,4		
Não/Não sei	32	18,6		
Hábito de ver pornografia				
Sim	88	51,2		
Não	84	48,8		

Nota: IST - infecção sexualmente transmissível.

Na Tabela 2, observa-se que o uso de preservativos foi estatisticamente associado à faixa etária (p = 0,02), cenas pornográficas que preferem (p = 0,03), influência dos tipos de pornografia que assistem nas práticas sexuais (p = 0,01), concordar com o compartilhamento de cenas que envolvem comportamentos de risco (p = 0,05) e número de cenas que assistem semanalmente (p = 0,05).

Tabela 2 – Análise do uso de preservativos nas práticas sexuais de consumidores de mídias sexualmente explícitas segundo variáveis de interesse do estudo, Teresina, Piauí, Brasil, 2020 (n = 88)

Variáveis	Uso de preservativos				*p*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Sexo					0,91
Feminino	12	32,4	16	31,4	
Masculino	25	67,6	35	68,2	
Faixa etária (anos)					0,02
18 a 29	35	94,6	40	78,4	
30 a 40	2	5,4	11	21,6	
Escolaridade					0,48
Pós-graduação	6	16,2	12	23,5	
Ensino superior	21	56,8	30	58,8	
Ensino médio	10	27,0	09	17,7	
Orientação sexual					0,72
Heterossexual	16	43,2	24	47,1	
Homossexual, bissexual e pansexual	21	56,8	27	52,9	
Status sorológico					0,06
Reagente para HIV	0	0,0	1	2,0	
Não reagente para HIV	16	43,2	33	64,7	
Não sei	21	56,8	17	33,3	
Tipo de cenas que prefere					0,03
Tanto faz, o que importa é o desempenho	21	56,8	36	70,6	
Atores não usam preservativos	05	13,5	13	25,5	
Atores usam preservativos	11	29,7	02	3,9	
Acesso às cenas pornográficas					0,89
Sites pornográficos gratuitos	30	81,1	39	76,5	
Sites pornográficos pagos e redes sociais	05	13,5	10	19,6	
Sites pornográficos gratuitos e pagos	01	2,7	01	2,0	
Redes sociais	01	2,7	01	2,0	
Mudança no seu conceito de sexo após o seu acesso às mídias sexuais					0,36
Sim	28	75,7	34	66,7	
Não	09	24,3	17	33,3	
O tipo de pornografia que você assiste o influencia nas suas relações sexuais					0,02
Sim	17	45,9	36	70,6	
Não	20	54,1	15	29,4	
As mídias sexuais estimulam o sexo sem preservativos					0,97
Sim	26	70,3	36	70,6	
Não	11	29,7	15	29,4	
Concorda com o compartilhamento de cenas que envolvem comportamentos de risco					0,05
Sim	03	8,1	12	23,5	
Não	34	91,9	39	76,5	
Número de cenas de pornografia que costuma ver por semana					0,05
Até duas cenas	20	54,1	17	33,3	
Mais de duas	17	45,9	34	66,7	

Seis variáveis atenderam aos requisitos do modelo multivariado e três apresentaram-se como estando associadas ao sexo sem

uso de preservativos. A concordância com o compartilhamento de cenas sexuais que envolvem comportamentos de risco aumenta em 1,49 vezes a prática sexual sem uso de preservativos. Os indivíduos que possuem preferência por filmes com cenas que envolvem sexo sem proteção ou mesmo aqueles que não se importam quanto a esse cuidado apresentam 4,24 vezes mais chance de práticas sexuais sem uso de preservativos. A percepção da influência do tipo de pornografia que consome sobre as suas relações sexuais foi associada a uma chance 58,5% maior de práticas sexuais desprotegidas (Tabela 3).

Tabela 3 – Modelo multivariado dos fatores preditores da prática sexual sem uso de preservativos, Teresina, Piauí, Brasil, 2020 (n = 88)

Variáveis	RP robusta	IC 95%	*p*
Concordância com compartilhamento de cenas com comportamentos de risco			0,01
Sim	1,49	1,07-2,08	
Não	1		
Preferência por tipos de cenas			0,02
Em que atores não usam preservativos/tanto faz	4,24	1,17-15,35	
Em que atores usam preservativos	1		
Número de cenas de pornografia por semana			0,06
Mais de duas	1,45	0,97-2,164	
Até duas	1		
Influência do tipo de pornografia que assiste nas relações sexuais			0,03
Sim	1,58	1,03-2,42	
Não	1		

Nota: p – significância do teste de Wald.

DISCUSSÃO

As características sociodemográficas da amostra deste estudo coadunam com as encontradas em outras pesquisas sobre esta temática. Verificou-se que, à semelhança de outros estudos, os jovens parecem consumir maior número de mídias sexualmente explícitas e com mais frequência que adultos, o que pode ser explicado pela maior afinidade de pessoas nessa faixa etária com as tecnologias, notadamente, com o uso das redes sociais[11]. Além disso, os jovens pouco recebem informações sobre educação sexual, devido à forma tradicional e o tabu com que a sexualidade é encarada, o que os leva a recorrer ao consumo de mídias sexuais como uma estratégia de informação em saúde[12].

Quanto ao acesso às tecnologias digitais, estudo aponta as desigualdades nesse campo[13]. Logo, é possível verificar que a ampliação da conectividade via internet, uso de celulares e computadores pode ter contribuído para o consumo de mídias sexuais, reforçado ainda pelo poder aquisitivo observado na amostra deste estudo, em que a renda média dos participantes apresentou-se superior ao salário mínimo brasileiro.

Percebe-se que o avanço das tecnologias digitais permite não somente a divulgação de informações, como também facilita a comunicação e estabelece entidade quanto às práticas sexuais. Dessa forma, as imagens compartilhadas pelo meio digital são consumidas em busca do prazer e como estímulo sexual[14]. Em geral, as mídias digitais podem ser uma forma de socialização, com potencial para envolver o indivíduo em uma situação de vulnerabilidade para o sexo desprotegido ou consumo de drogas, porém algumas pesquisas ainda não trazem essa relação[15].

Os achados diferiram da literatura com relação ao sexo, pois predominou o feminino; e, quanto à orientação sexual, a maioria era heterossexual. No tocante a essa variável, um estudo relata que os homens são mais propensos a ver MSEs do que mulheres[16]. E alguns pesquisadores relatam que comportamentos sexualmente compulsivos, incluindo o uso excessivo de pornografia, são considerados uma alternativa para o público masculino lidar com situações negativas de afeto[17].

Nesta pesquisa, identificou-se que características de consumo de mídias sexualmente explícitas estão associadas à prática sexual sem uso do preservativo. Dentre elas, preferir cenas de sexo sem uso de preservativos aumentou a chance de sexo sem preservativos na amostra de estudo em mais de quatro vezes. Esse achado pode ser explicado pelas características sociais da amostra, como a faixa etária jovem, que costuma ser associada a sexo desprotegido. Outro aspecto que pode contribuir para esse resultado diz respeito à possível fragilidade quanto ao conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis[8]. Além disso, a maior concentração na amostra de população não heterossexual pode ter sido um fator relevante para explicar esse achado.

No concernente a relações homossexuais masculinas, um estudo confirmou a hipótese de que o uso de pornografia entre homens é associado à visualização de pornografia durante o sexo com o parceiro, fazendo com que o parceiro reproduza cenas e práticas do filme pornográfico durante o sexo, como forma de obtenção de prazer sexual[18]. Nesse grupo, a preferência por MSEs sem preservativos é clássica e similar ao que já foi descrito por outros autores, corroborando a existência de uma ligação direta entre a preferência por cenas *bareback* e as intenções de sexo sem preservativos[19-20].

No estudo, verificou-se que o uso do preservativo foi estatisticamente associado à concordância com o compartilhamento de cenas sexuais que envolvem comportamentos de risco, à preferência por filmes com cenas que envolvem sexo sem proteção ou mesmo aqueles que não se importam quanto a esse cuidado e à percepção da influência do tipo de pornografia que consome sobre as suas relações sexuais. Uma pesquisa realizada em quatro cidades dos Estados Unidos revelou que quase metade dos homens que fazem sexo com homens (HSH) afirmou que assistir MSEs contribuiu para o envolvimento em "sexo mais arriscado", sendo que 29% acreditam que isso contribuiu para o seu envolvimento em "sexo de risco" nos últimos três meses[21]. Tais achados coadunam com os resultados deste estudo.

Essas atitudes e práticas podem gerar diversas implicações, pois, conforme a pornografia torna-se mais difundida e acessível, uma população mais ampla, em relação às gerações anteriores, pode ser exposta a conteúdo pornográfico violento e misógino[22]. Tal acessibilidade e normalização podem ter implicações para os relacionamentos românticos dos consumidores de pornografia, além da percepção cultural mais ampla da violência em relação às mulheres.

Além disso, estudo realizado em 2017 relatou que alguns homens filmaram o sexo com suas parceiras sem seu consentimento, e alguns deles usaram a gravação posteriormente como meio de obtenção de controle dentro do relacionamento pós-separação[23].

Num outro sentido, pesquisa realizada na Paraíba com estudantes universitários de ambos os sexos, mostrou que os consumidores de mídias sexuais discordam da ideia de que a pornografia traga efeitos nocivos como o vício, banalização do sexo, prejuízos ao relacionamento e à formação sexual, expressando-se de forma contrária aos não consumidores, que percebem o consumo como prejudicial. Verificou-se que a amostra da pesquisa minimizou a contribuição das MSEs em seus próprios comportamentos sexuais[24].

Ao contrário do que pensam os participantes do estudo anterior, uma metanálise evidenciou associação entre uso de pornografia e violência física e sexual[25]. Tais violências, por sua vez, desencadeiam problemas psicológicos e físicos, dentre os quais o aparecimento de lesões e consequente manifestação de ISTs. Com isso, são necessárias ações de prevenção e intervenção contra esses agravos.

Além disso, outras pesquisas têm apontado que acessar MSEs em geral está associado a uma maior probabilidade de se envolver em sexo anal sem preservativos[26-27]. No entanto, dada a inexistência de estudos que investigaram o papel das MSEs nas relações heterossexuais, pesquisas adicionais e com amostra representativa dos consumidores de MSEs são necessárias.

Já é comprovado que o ser humano possui uma capacidade enorme de imitação de comportamentos, seja no seu consciente ou inconsciente. Essa reprodução de ações sofre influência de fatores sociais, emocionais e cognitivos que traduzam suas preferências, seja de forma direta ou indireta, mesmo que tais atitudes ou práticas configurem algum risco de saúde[28].

Por outro lado, uma pesquisa sugeriu que o sexo sem preservativo torna-se apenas um fetiche para os consumidores dessas mídias. Isso porque os indivíduos não realizam essa prática e ficam apenas desejando-a[29].

A maior parte da amostra deste estudo acessa as MSEs por meio de sites, e pesquisas relatam taxas de prevalência de visualização variando de 40% a 47%. Tais dados podem ser explicados pelo avanço tecnológico, que possibilitou a expansão e facilitou o acesso às MSEs[30].

Quanto ao número de cenas pornográficas acessadas, prevaleceu até duas vezes por semana. Byers et al.[31] relatam em seu estudo uma associação positiva significante para horas de uso da internet por semana e uso de MSEs on-line, ou seja, quanto mais tempo o usuário navega na internet, mais ele acessará as MSEs. Dados apontam que 87% dos homens relataram usar pornografia pelo menos uma vez por mês, com até 58% vendo pornografia semanalmente[32].

Alguns países já acenderam um alerta para a expansão da pornografia, a exemplo do estado americano de Utah, que recebeu um projeto de lei declarando as mídias sexualmente explícitas como sendo uma "crise de saúde pública". Tais decisões podem impactar positivamente os indivíduos que consomem as mídias e se envolvem em sexo sem preservativo, uma vez que pode ser efetivada a criação de estratégias para a promoção do uso de camisinha nas mídias explícitas[33].

Com base nesses achados, é de suma importância a divulgação pelos meios de comunicação (espaço que concentra boa parte dos consumidores de MSEs) de materiais educativos que relatem as medidas de prevenção para ISTs, com foco na prevenção combinada para o HIV, especialmente na vacinação contra as ISTs imunopreveníveis.

Sendo assim, conhecer o perfil dessas pessoas é importante para se apropriar dos comportamentos dinâmicos que envolvem risco para as ISTs/HIV/aids, bem como para incentivar a publicação de novos estudos acerca da temática.

Limitações do estudo

O estudo possui algumas limitações. Por ser uma pesquisa realizada de forma on-line, pode levar à não compreensão de algumas perguntas, culminando em uma resposta equivocada do participante. Todavia, o contrapeso está no fato de que a literatura é repleta de estudos com dados autorrelatados. O pequeno tamanho amostral também é considerado uma limitação visto que a análise inferencial abarca uma ínfima parcela populacional.

Ressalta-se que, ao se replicar este estudo, os pesquisadores deverão considerar as diferenças culturais da população abordada, tanto no Brasil como em outros países.

Contribuições para a área da Enfermagem e da Saúde Pública

O aumento do consumo de mídias sexualmente explícitas pode estimular o sexo sem preservativo e acarretar incremento exponencial de casos de HIV/aids, além de outras infecções sexualmente transmissíveis. Ainda são poucos os estudos que analisam as MSEs e o comportamento sexual de seus usuários, tendo, portanto, esta pesquisa a finalidade de identificar as vulnerabilidades individuais e assim orientar os serviços de saúde a investigarem as mais variadas dinâmicas de infecção pelo HIV e demais ISTs.

Para a prática dos profissionais de enfermagem, este estudo contribuirá com informações relevantes sobre o consumo das mídias sexuais e uso de preservativo que poderão auxiliar nas estratégias e abordagem envolvendo a temática de prevenção de HIV/aids e ISTs durante as suas ações de enfermagem, com serviços mais efetivos nas consultas de enfermagem e na educação em saúde.

CONCLUSÕES

Os fatores preditores da prática sexual sem o uso do preservativo foram: faixa etária correspondente a jovens adultos; uso ou não de preservativo não interfere na preferência pelas cenas; reconhecimento da influência do tipo de pornografia nas relações sexuais; concordar com o compartilhamento de cenas com comportamentos de risco; e assistir mais de duas cenas de mídias sexualmente explícitas por semana.

O reconhecimento de vulnerabilidades decorrentes do consumo das mídias sexuais, especialmente da sua influência na redução do uso do preservativo, poderá contribuir para a prática dos profissionais de saúde, com destaque para a equipe de enfermagem, que atua diretamente nas ações de prevenção e promoção da saúde.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão de bolsa de doutorado a Priscilla Dantas Almeida e bolsa de iniciação científica a André Felipe de Castro Pereira Chaves. Agradecemos também: à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de mestrado concedida a Rômulo Veloso Nunes; e à Universidade Federal do Piauí, que concedeu a Ellen Cristina da Costa Leite Sousa uma bolsa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

1. Hald GM. Gender differences in pornography consumption among young heterosexual Danish adults. Arch Sex Behav [Internet]. 2006[cited 2020 Nov 4];35(5):577-85. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-006-9064-0
2. Downing MJ, Schrimshaw EW, Scheinmann R, Antebi-Gruszka N, Hirshfield S. Sexually explicit media use by sexual identity: a comparative analysis of gay, bisexual, and heterosexual men in the United States. Arch Sex Behav [Internet]. 2017[cited 2020 Nov 4];46(6):1763-76. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-016-0837-9
3. Canaltech. Pornhub divulga estatísticas de 2017 e mostra que brasileiro adora pornografia[Internet]. 2020 [cited 2020 Nov 4]. Available from: https://canaltech.com.br/comportamento/pornhub-divulga-estatisticas-de-2017-e-mostra-que-brasileiro-adora-pornografia-106304/
4. Techtudo. Acesso a sites pornôs cresce 600% em período de homeoffice, diz pesquisa[Internet]. 2020 [cited 2020 Nov 5]. Available from: https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/08/acesso-a-sites-pornos-cresce-600percent-em-periodo-de-home-office-diz-pesquisa.ghtml
5. Hald GM, Malamuth NN. Experimental effects of exposure to pornography: the moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. Arch Sex Behav [Internet]. 2015[cited 2020 Nov 13];44(1):99-109. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-014-0291-5
6. Brem MJ, Garner AR, Grigorian H, Florimbio AR, Wolford-Clevenger C, Shorey RC, et al. Problematic pornography use and physical and sexual intimate partner violence perpetration among men in batterer intervention programs. J Interpers Violence. 2018;21:886260518812806. https://doi.org/10.1177/0886260518812806
7. Nelson KM, Perry NS, Carrey MP. Sexually Explicit Media Use Among 14-17-Year-Old Sexual Minority Males in the U.S. Arch Sex Behav [Internet]. 2019[cited 2020 Nov 20];48(8):234-5. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-019-01501-3
8. Spindola T, Oliveira CSR, Santana RSC, Sodré CP, André NLNO, Brochado EJ. Sexual practices, knowledge and behavior of college students regarding sexually transmitted diseases. Rev Pesqui: Cuid Fundam. 2019;11(5):1135-41. https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141
9. von Elm E, Altman DG, Egger M, Pocock SJ, Gotzsche PC, Vandenbroucke JP. The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) Statement: guidelines for reporting observational studies [Internet]. 2020[cited 2020 Dec 18]. Available from: https://www.equator-network.org/reporting-guidelines/strobe/.
10. Queiroz AAFLN, Sousa AFL, Brignol S, Araújo TME, Reis RK. Vulnerability to HIV among older men users of dating apps in Brazil. Braz J Infect Dis. 2019;23(5):298-306. https://doi.org/10.1016/j.bjid.2019.07.005
11. Nelson KM, Simoni JM, Morrison DM, George WH, Leickly E, Lengua LJ, et al. Sexually explicit online media and sexual risk among men who have sex with men in the United States. Arch Sex Behav. 2014;43:833-43. https://doi.org/10.1007/s10508-013-0238-2
12. Nelson KM, Pantalone DW, Gamarel KE, Simoni JM. A new measure of the perceived influence of sexually explicit online media on the sexual behaviors of men who have sex with men. J Sex Res. 2016;53(4–5):588–600. https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1066744
13. Comitê Gestor da Internet no Brasil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Ed.). Desigualdades digitais no espaço urbano: um estudo sobre o acesso e o uso da Internet na cidade de São Paulo [Internet]. São Paulo: 2019[cited 2020 Dec 19]. Available from: https://www.nic.br/publicacao/desigualdades-digitais-no-espaco-urbano-um-estudo-sobre-o-acesso-e-o-uso-da-internet-na-cidade-de-sao-paulo/
14. Melo R. A íntima relação entre as tecnologias comunicativas e nossa experiência afetivo-sexual. Artefactum Rev Estud Ling Tecnol [Internet]. 2016[cited 2020 Dec 19];12(1). Available from: http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/996/600.
15. Ferrari W, Nascimento M. Práticas sexuais entre homens em tempos de mídias digitais: perspectivas e desafios ao campo da saúde. Cad Saúde Pública. 2019;35(5). https://doi.org/10.1590/0102-311X00020119
16. O'Reilly S, Knox D, Zusman ME. College student attitudes toward pornography use. Coll Stud J [Internet]. 2007[cited 2020 Dec 7];41(2):402-6. Available from: https://eric.ed.gov/?id=EJ777947
17. Brem MJ, Shorey RC, Anderson S, Stuart GL. Depression, anxiety, and compulsive sexual behavior among men in residential treatment for substance use disorders: the role of experiential avoidance. Clin Psychol Psychother. 2017;24:1246-53. https://doi.org/10.1002/cpp.2085
18. Sun C, Bridges A, Johnson JA, Ezzell MB. Pornography and the male sexual script: an analysis of consumption and sexual relations. Arch Sex Behav. 2016;45:983-94. https://doi.org/10.1007/s10508-014-0391-2
19. Thai M, Barlow FK. Bareback sexually explicit media consumption and men who have sex with men's responses to sexual partners who prefer anal intercourse with or without condoms. Arch Sex Behav [Internet]. 2019[cited 2020 Dec 18];48(4):1191-1201. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-018-1182-y
20. Martins AA, Queiroz AAFLN, Frota OP, Araújo TME, Mendes IAC, Fronteira I, et al. Consumo de mídias sexualmente explícitas e sexo anal desprotegido em homens que fazem sexo com homens. Cienc Saude Colet [Internet]. 2020 [cited 2021 Feb 21]. Available from: http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/consumo-de-midias-sexualmente-explicitas-e-sexo-anal-desprotegido-em-homens-que-fazem-sexo-com-homens/17796
21. Schirmshaw EW, Antebi-Gruszka N, Downing Jr MJ. Viewing of Internet-based sexually explicit media as a risk factor for condom less anal sex among men who have sex with men in four U.S. PLoS One. 2016;11(4):1-11. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0154439
22. Price J, Patterson R, Regnerus M, Walley J. How much more XXX is generation X consuming? evidence of changing attitudes and behaviors related to pornography since 1973. J Sex Res. 2016;53(1):12-20. https://doi.org/10.1080/00224499.2014.1003773

23. DeKeseredy WS, Hall-Sanchez A. Adult pornography and violence against women in the heartland: results from a rural southeast Ohio study. Viol Against Women. 2017;23:830-49. https://doi.org/10.1177/1077801216648795

24. Guerra VM, Andrade FCB, Dias MR. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. Estud Psicol. 2004;9(2):269-77. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200008

25. Wright PJ, Tokunaga RS, Kraus A. A meta-analysis of pornography consumption and actual acts of sexual aggression in general population studies. J Communic. 2016;66:183-205. https://doi.org/10.1111/jcom.12201

26. Eaton LA, Cain ND, Pope H, Garcia J, Cherry C. The relationship between pornography use and sexual behaviors among at-risk HIV-negative men who have sex with men. Sexual Health [Internet]. 2012[cited 2020 Dec 21];9:166-70. Available from: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3560402/

27. Stein D, Silveira R, Hagerty R, Marmor M. Viewing pornography depicting unprotected anal intercourse: are there implications for HIV prevention among men who have sex with men? Arch Sex Behav [Internet]. 2012[cited 2020 Dec 21];41:411-9. Available from: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-011-9789-2

28. Chartrand TL, Lakin JL. The antecedents and consequences of human behavior al mimicry. Ann Rev Psychol. 2013;64:285-308. https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143754

29. Nelson KM, Eaton LA, Gamarel KE. Preferences for condomless sex in sexually explicit media among Black/African American men who have sex with men: implications for hiv prevention. Arch Sex Behav. 2017;46(4):977-85. https://doi.org/10.1007/s10508-016-0878-0

30. Selwyn N. A safe haven for misbehaving? an investigation of online mis behavior among university students. Soc Sci Comput Rev. 2008;26(4):446-65. https://doi.org/10.1177/0894439307313515

31. Byers LJ, Menzies, KS, O'Grady WL. The impact of computer variable son the viewing and sending of sexually explicit material on the Internet: testing Cooper's 'Triple-A Engine'. Can J Hum Sex [Internet]. 2004[cited 2021 Jan 5];13(3-4): 157-170. Available from: https://www.researchgate.net/publication/285809232_The_impact_of_computer_variables_on_the_viewing_and_sending_of_sexually_explicit_material_on_the_Internet_Testing_Cooper%27s_Triple-A_Engine

32. Regnerus M, Gordon D, Price J. Documenting pornography use in America: a comparative analysis of methodological approaches. J Sex Res. 2016;53:873-81. https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1096886

33. Utah State Legislature. Senate Concurrent Resolution (S.C.R.9). Concurrent Resolution on the Public Health Crisis of Pornography [Internet]. 2016 [cited 2021 Jan 5]. Available from: https://utahcoalition.org/scr9-resolution-public-health-crisis-pornography/